



Biblioteca

Educação literária

Poesia - 9º ano

Biblioteca

Educação literária

Poesia - 9o ano

Conteúdo

Fernando Pessoa	4
O Menino da sua Mãe	4
[O aldeão]	5
Se estou só, quero não 'star,	5
O Mostrengo	6
Mar Português	6
Camilo Pessanha	7
Floriram por engano as rosas bravas	7
Quando voltei encontrei os meus passos	7
Mário de Sá-Carneiro	8
Quasi	8
O recreio	9
Irene Lisboa	10
Escrever	10
Monotonia	11
Almada Negreiros	12
Luís, o poeta salva a nado o poema	12
José Gomes Ferreira	13
V	13
XXV	13
III	14
XIX	14
Jorge de Sena	15
Uma pequenina luz	15
Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya	16
Camões dirige-se aos seus contemporâneos	18
Sophia de Mello Breyner Andresen	19
As pessoas sensíveis	19
Porque	2

Conteúdo

Fernando Pessoa	4
O Menino da sua Mãe	4
[O aldeão]	5
Se estou só, quero não ‘star,	5
O Mostrengo.....	6
Mar Português	6
Camilo Pessanha	7
Floriram por engano as rosas bravas.....	7
Quando voltei encontrei os meus passos.....	7
Mário de Sá- Carneiro.....	8
Quasi	8
O recreio	9
Irene Lisboa	10
Escrever	10
Monotonia	

.....	11
Almada Negreiros	
.....	12
Luís, o poeta salva a nado o poema	
.....	12
José Gomes Ferreira	
.....	13
V.....	
.....	13
XXV.....	
.....	13
III	
.....	
.....	14
XIX	
.....	
.....	14
Jorge de Sena.....	
... 15	
Uma pequenina	
luz.....	15
Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya.....	16
Camões dirige-se aos seus contemporâneos	
.....	18
Sophia de Mello Breyner Andresen.....	19
As pessoas sensíveis	
.....	19
Porque	
.....	
2	

Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal	20
Camões e a tença.....	21
Carlos de Oliveira.....	22
Vilancete castelhano de Gil Vicente	22
Quando a harmonia chega	22
Herberto Helder	23
Ruy Belo.....	24
Os estivadores	24
E tudo era possível.....	25
Algumas proposições com crianças.....	25
Gastão Cruz.....	26
Ode soneto à coragem	26
cf. Romeo and Juliet, III. V. 1-36	26
Tinha deixado a torpe arte dos versos	27
Nuno Júdice	28
Escola.....	28
Fragmentos.....	28
O conceito de metáfora.....	29
com citações de Camões e Florbela	29
Contas.....	29
Federico García Lorca	30
Romance Sonâmbulo.....	30
Carlos Drummond de Andrade.....	32
Receita de Ano Novo	32

AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE CANELAS – BIBLIOTECA

Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal

.....	20
Camões e a tença.....	21
Carlos de Oliveira.....	22
Vilancete castelhano de Gil Vicente	22
Quando a harmonia chega	22
Herberto Helder	23
Ruy Belo	24
Os estivadores	24
E tudo era possível.....	25
Algumas proposições com crianças	25
Gastão Cruz.....	26
Ode soneto à coragem	26
cf. Romeo and Juliet, III. V. 1-36	26
Tinha deixado a torpe arte dos versos	27
Nuno Júdice	28
Escola	

.. 28

Fragmentos.....
..... 28

O conceito de
metáfora..... 29

com citações de Camões e Florbela
..... 29

Contas
.....
. 29

Federico García Lorca
..... 30

Romance
Sonâmbulo.....
30

Carlos Drummond de Andrade
..... 32

Receita de Ano Novo
..... 32

3 Educação Literária – 9o ano - poesia

3

Fernando Pessoa

O Menino da sua Mãe

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspasado –
Duas, de lado a lado –,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
“O menino da sua mãe.”

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lha a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
“Que volte cedo, e bem!”
(Malhas que o Império tecel!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

In Obra poética

Fernando Pessoa

O Menino da sua Mãe

No plaino abandonado Que a morna brisa aquece, De balas traspassado – Duas, de lado a lado –, Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue. De braços estendidos, Alvo, louro, exangue, Fita com olhar langue E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era! (Agora que idade tem?) Filho único, a mãe lhe dera Um nome e o mantivera: “O menino da sua mãe.”

Caiu-lhe da algibeira A cigarreira breve. Dera-lha a mãe. Está inteira E boa a cigarreira. Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada Ponta a roçar o solo, A brancura embainhada De um lenço... Deu-lho a criada Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece: “Que volte cedo, e bem!” (Malhas que o Império tece!) Jaz morto, e apodrece, O menino da sua mãe.

In Obra poética

4 Educação Literária – 9o ano - poesia

Fernando Pessoa

[O aldeão]

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto,
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Se estou só, quero não 'star,

Se estou só, quero não 'star,
Se não 'stou, quero 'star só.
Enfim, quero sempre estar
Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele. E
aquele não é feliz, Porque
pensa dentro dele
E não dentro do que eu quis.

A gente faz o que quer
Daquilo que não é nada,
Mas falha se o não fizer
Fica perdido na estrada.

In Obra poética

Fernando Pessoa

[O aldeão]

Ó sino da minha aldeia, Dolente na tarde calma, Cada tua badalada Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar, Tão como triste da vida, Que já a primeira pancada Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto, Quando passo, sempre errante, És para mim como um sonho, Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua, Vibrante no céu aberto, Sinto mais longe o passado, Sinto a saudade mais perto.

Se estou só, quero não 'star,

Se estou só, quero não 'star, Se não 'stou, quero 'star só. Enfim, quero sempre estar Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele. E aquele não é feliz, Porque pensa dentro dele E não dentro do que eu quis.

A gente faz o que quer Daquilo que não é nada, Mas falha se o não fizer Fica perdido na estrada.

In Obra poética

5 Educação Literária – 9o ano - poesia

Fernando Pessoa

O Mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse, “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,

Meus tetos negros do fim do mundo?”
E o homem do leme disse, tremendo,
“El-Rei D. João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço? De
quem as quilhas que vejo e ouço?” Disse
o mostrengo, e rodou três vezes, Três
vezes rodou imundo e grosso, “Quem
vem poder o que só eu posso, Que moro
onde nunca ninguém me visse E escorro
os medos do mar sem fundo?” E o
homem do leme tremeu, e disse,
“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme.
De El-Rei D. João Segundo!”

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

In Mensagem

Fernando Pessoa

Mar Português

O Mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar Na noite de breu ergueu-se a voar; À roda da nau voou três vezes, Voou três vezes a chiar, E disse, “Quem é que ousou entrar Nas minhas cavernas que não desvendo,

Meus tetos negros do fim do mundo?” E o homem do leme disse, tremendo, “EI-Rei D. João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço? De quem as quilhas que vejo e ouço?” Disse o mostrengo, e rodou três vezes, Três vezes rodou imundo e grosso, “Quem vem poder o que só eu posso, Que moro onde nunca ninguém me visse E escorro os medos do mar sem fundo?” E o homem do leme tremeu, e disse, “EI-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu, Três vezes ao leme as repreendeu, E disse no fim de tremer três vezes, “Aqui ao leme sou mais do que eu: Sou um Povo que quer o mar que é teu; E mais que o mostrengo, que me a alma teme E roda nas trevas do fim do mundo, Manda a vontade, que me ata ao leme. De EI-Rei D. João Segundo!”

Educação Literária – 9o ano - poesia

Ó mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal! Por te cruzarmos, quantas mães choraram, Quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espelhou o céu.

In Mensagem

Camilo Pessanha

Floriram por engano as rosas bravas

Floriram por engano as rosas bravas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um
momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve, Surda,
em triunfo, pétalas, de leve Juncando o
chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze – quanta flor! – do céu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

Quando voltei encontrei os meus passos

(A Aires de Castro e Almeida)

Quando voltei encontrei os meus passos
Ainda frescos sobre a húmida areia.
A fugitiva hora, reevoquei-a,
– Tão rediviva! nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas.
– Mesquinhos passos, porque doidejastes
Assim transviados, e depois tornastes
Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vário,
Em redor, como as aves n'um aviário,
Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda esta extensa pista – para quê?
Se há de vir apagar-vos a maré,
Com as do novo rasto que começa...

In Clepsidra

Camilo Pessanha

Floriram por engano as rosas bravas

Floriram por engano as rosas bravas No inverno: veio o vento desfolhá-las... Em que cismas, meu bem? Porque me calas As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!... Onde vamos, alheio o pensamento, De mãos dadas? Teus olhos, que um momento Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve, Surda, em triunfo, pétalas, de leve Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu! Quem as esparze – quanta flor! – do céu, Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

Educação Literária – 9o ano - poesia

Quando voltei encontrei os meus passos

(A Aires de Castro e Almeida)

Quando voltei encontrei os meus passos Ainda frescos sobre a húmida areia. A fugitiva hora, reevoquei-a, – Tão rediviva! nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas. – Mesquinhos passos, porque doidejastes Assim transviados, e depois tornastes Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vário, Em redor, como as aves n'um aviário, Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda esta extensa pista – para quê? Se há de vir apagar-vos a maré, Com as do novo rasto que começa...

In Clepsidra

Mário de Sá-Carneiro

Quasi

Um pouco mais de sol – eu era brasa,
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num baixo mar enganador d’espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho – ó dor! – quasi vivido...

Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama,
Quasi o princípio e o fim – quasi a expansão...
Mas na minh’alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou...
– Ai a dor de ser-quasi, dor sem fim... –
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não voou...

Momentos d’alma que desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol – vejo-as cerradas;
E mãos d’herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

.....
.....

Um pouco mais de sol – e fora brasa,
Um pouco mais de azul – e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

In *Dispersã*

Mário de Sá-Carneiro

Quasi

Um pouco mais de sol – eu era brasa, Um pouco mais de azul – eu era além. Para atingir, faltou-me um golpe d’asa... Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído Num baixo mar enganador d’espuma; E o grande sonho despertado em bruma, O grande sonho – ó dor! – quasi vivido...

Quasi o amor, quasi o triunfo e a chama, Quasi o princípio e o fim – quasi a expansão... Mas na minh’alma tudo se derrama... Entanto nada foi só ilusão!

De tudo houve um começo... e tudo errou... – Ai a dor de ser-quasi, dor sem fim... – Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim, Asa que se elançou mas não voou...

Educação Literária – 9o ano - poesia

Momentos d’alma que desbaratei... Templos aonde nunca pus um altar... Rios que perdi sem os levar ao mar... Ânrias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios... Ogivas para o sol – vejo-as cerradas; E mãos d’herói, sem fé, acobardadas, Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto, Tudo encetei e nada possuí... Hoje, de mim, só resta o desencanto Das coisas que beijei mas não vivi...

.....

Um pouco mais de sol – e fora brasa, Um pouco mais de azul – e fora além. Para atingir, faltou-me um golpe d’asa... Se ao menos eu permanecesse aquém...

In Dispersã

Mário de Sá-Carneiro

O recreio

Na minh'Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar –
Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...

– E um menino de bibe
Sobre ele sempre a brincar...

Se a corda se parte um dia
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada...

– Cá por mim não mudo a corda
Seria grande estopada...

Se o indez morre, deixá-lo...
Mais vale morrer de bibe
Que de casaca... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...

– Mudar a corda era fácil...
Tal ideia nunca tive...

In Indícios de oiro

Mário de Sá-Carneiro

O recreio

Na minh'Alma há um balouço Que está sempre a balouçar – Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...

– E um menino de bibe Sobre ele sempre a brincar...

Se a corda se parte um dia (E já vai estando esgarçada), Era uma vez a folia: Morre a
criança afogada...

– Cá por mim não mudo a corda Seria grande estopada...

Se o indez morre, deixá-lo... Mais vale morrer de bibe Que de casaca... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...

– Mudar a corda era fácil... Tal ideia nunca tive...

In Indícios de oiro

9 Educação Literária – 9o ano - poesia

Irene Lisboa

Escrever

Se eu pudesse havia de transformar as palavras
em clava.
Havia de escrever rijamente.
Cada palavra seca, irressonante, sem música.
Como um gesto, uma pancada brusca e sóbria.
Para quê todo este artifício da composição sintá-
tica e métrica?
Para quê o arredondado linguístico?
Gostava de atirar palavras.
Rápidas, secas e bárbaras, pedradas!
Sentidos próprios em tudo.
Amo? Amo ou não amo.

Vejo, admiro, desejo?
Ou sim ou não.
E, como isto, continuando.

E gostava para as infinitamente delicadas coisas
do espírito...
Quais, mas quais?
Gostava, em oposição com a braveza do jogo da
pedrada, do tal ataque às coisas certas e negadas...
Gostava de escrever com um fio de água.
Um fio que nada traçasse.
Fino e sem cor, medroso.

Ó infinitamente delicadas coisas do espírito!
Amor que se não tem, se julga ter.
Desejo dispersivo.
Vagos sofrimentos.
Ideias sem contorno.
Apreços e gostos fugitivos.
Ai! o fio da água, o próprio fio da água sobre
vós passaria, transparentemente?
Ou vos seguiria humilde e tranquilo?

In *Um dia e outro dia... Outono havias de vir latente, trist*

Irene Lisboa

Escrever

Se eu pudesse havia de transformar as palavras em clava. Havia de escrever rijamente. Cada palavra seca, irressonante, sem música. Como um gesto, uma pancada brusca e sóbria. Para quê todo este artifício da composição sintá- tica e métrica? Para quê o arredondado linguístico? Gostava de atirar palavras. Rápidas, secas e bárbaras, pedradas! Sentidos próprios em tudo. Amo? Amo ou não amo.

Vejo, admiro, desejo? Ou sim ou não. E, como isto, continuando.

E gostava para as infinitamente delicadas coisas do espírito... Quais, mas quais? Gostava, em oposição com a braveza do jogo da pedrada, do tal ataque às coisas certas e negadas... Gostava de escrever com um fio de água. Um fio que nada traçasse. Fino e sem cor, medroso.

Ó infinitamente delicadas coisas do espírito! Amor que se não tem, se julga ter. Desejo dispersivo. Vagos sofrimentos. Ideias sem contorno. Apreços e gostos fugitivos. Ai! o fio da água, o próprio fio da água sobre vós passaria, transparentemente? Ou vos seguiria humilde e tranquilo?

In Um dia e outro dia... Outono havias de vir latente, trist

10 Educação Literária – 9o ano - poesia